

CRISTIANO SOARES PEREGO

SIDNEY REINALDO DA SILVA

**VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**GT 07: NEOLIBERALISMO E ENSINO TÉCNICO-PROFISSIONAL:
CENÁRIOS, IMPACTOS E RESISTÊNCIAS**

**O SUJEITO E A TECNOLOGIA: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS
COMO DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO**

PARANAGUÁ/PR



O SUJEITO E A TECNOLOGIA: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO DISPOSITIVOS DE SUBJETIVAÇÃO

Cristiano Soares Perego ¹
Sidney Reinaldo da Silva ²

RESUMO

Na atualidade, existe um forte processo, por parte do neoliberalismo, de colonização da subjetividade, em que os mecanismos de coerção são internalizados pelos sujeitos. Sendo assim, o objetivo é compreender analiticamente o processo de formação do sujeito, a partir dos conceitos estudados por Michel Foucault e Byung Chul-Han. Atualmente, percebe-se a formação de um sujeito cada vez mais influenciado por novas tecnologias, que passam a direcionar a construção das subjetividades numa perspectiva econômica. Neste sentido, a educação passa a ser um dispositivo que age de forma coercitiva. O sujeito da educação, o estudante, se torna um projeto, que visa a produção.

PALAVRAS CHAVE: sujeito, subjetividade, tecnopolítica, psicopolítica.

ABSTRACT

Nowadays, there is a very strong process, by the neoliberalism, to colonize the subjectivity, where the mechanisms of coercion are internalized by the subjects. Therefore, the objective is to understand analytically the process of formation of the subject, from the concepts studied by Michel Foucault and Byung Chul-Han. Currently, the formation of a subject is increasingly influenced by new technologies, which begin to direct the construction of subjectivities from an economic perspective. In this sense, education becomes a device that acts in a coercive way. The subject of education, the student, becomes a project, which aims the production.

KEYWORDS: subject, subjectivity, technopolitics, psychopolitics.

¹ Graduado em Filosofia e Sociologia, especialista em Bioética pela PUCPR, mestrando em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo IFPR/Paranaguá. Professor de Filosofia da rede estadual do Paraná. E-mail: cristiano.perego@ifpr.edu.br

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1987), mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e possui pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Professor de Filosofia do IFPR/Paranaguá. E-mail: sidney.silva@ifpr.edu.br





INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado de um projeto de pesquisa do PPGCTS do IFPR/Paranaguá, é um desdobrar-se da pesquisa que pretende entender o currículo escolar do ensino médio como tecnologia e dispositivo que forma sujeitos, a abordagem analítica sobre a formação da subjetividade por meio das tecnologias se darão a partir das bases epistemológicas fundamentadas em Michel Foucault e Byung-Chul Han numa perspectiva das relações que se estabelecem entre Ciência, Tecnologia e Sociedade(C.T.S.). Também utilizar-se-á as bases teóricas de Gilbert Simondon, Giorgio Agamben, Bruno Latour, Deleuze e outros pós-modernos. O estudo pretende compreender analiticamente o processo de formação do sujeito a partir de uma revisão de literatura.

No século XXI, percebe-se a formação de um sujeito cada vez mais impactado por tecnologias digitais. Este indivíduo, se torna um projeto, que visa a produção, conceitos como liberdade e positividade são utilizados como dispositivos capaz de construir uma subjetividade que cada vez mais está distante de questões que envolvam o senso comunitário, aquém muitas vezes a cultura local, refém de si mesmo. Neste processo de distanciamento do mundo da vida vemos emergir o mundo das não-coisas, uma digitalização do mundo material, onde as informações das coisas, valem mais que as próprias coisas. Onde o próprio sujeito cobra de si, de forma severa, as metas e o sucesso na vida profissional e econômica, essa busca por desempenho que está internalizada se mostra padronizada em nosso tempo. Sua realidade, se distancia do mundo das coisas e se aproxima das não-coisas, de um mundo virtual que está em permanente construção(HAN, p.11).

O sujeito pós-moderno, cresceu influenciado por uma nova modalidade de tecnologia, quais serão seus territórios , seus conflitos e suas relações sociais impulsionadas pelas mídias digitais e redes sociais? É urgente a necessidade de compreensão da sociedade atual, bem como de intervenções com finalidades educativas, humanísticas, que visem um futuro onde possamos conviver com as diferenças e em consonância com o meio ambiente. Nessa perspectiva, se torna fundamental a compreensão do conceito de sujeito e tecnologia a partir de uma abordagem filosófica e CTS. Pensadores como Michel Foucault, Byung-Chul Han e Bruno Latour, entre outros, possibilitam através de seus conceitos, decodificar essa nova realidade e as relações que se estabelecem entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.





METODOLOGIA DE PESQUISA

- Pesquisa bibliográfica (Fichamento) - Aprofundar as pesquisas por meio de orientação sobre a temática proposta. Revisão de literatura.
- Pesquisar nos documentos norteadores do Novo Ensino Médio seus impactos relacionados ao uso de tecnologias da educação.
- Investigação se dará a partir dos estudos de Michel Foucault e Byung Chul-Han

I- FOUCAULT, CIÊNCIA, SABER E SUJEITO

A tecnologia possui em seus códigos as relações de poder, concepção de ciência, cultura, intencionalidades, busca por eficiência, padronização, competição são algumas de suas facetas implícitas em seus códigos fechados. Sabemos que existem outras formas de tecnologia, no entanto iremos tratar da predominante. Para entender como uma tecnologia se construiu em meio a tantas outras, como se tornou hegemônica, devemos entender sobre como os saberes se relacionaram até chegar à atualidade.

Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo, procura entender como alguns saberes se destacaram, se sobressaíram, enquanto outros foram soterrados, esquecidos. O saber é entendido como um conjunto de enunciados que é estabelecido a partir das relações de poder sobre o que pode ou não pode ser dito. O conhecimento é fruto desse sujeito que foi construído, em um dado momento histórico, a partir das relações de poder. No pensamento de Foucault, parte-se de uma história epistemológica, passa pela genealogia, para chegar ao sujeito, investiga-se a produção de verdade na ciência e nesse sentido seria o estudo do aperfeiçoamento da própria racionalidade. Onde pretende-se chegar, através da arqueologia, no estudo da história dos saberes sem a perspectiva de progresso da razão. A história arqueológica reflete sobre as ciências do homem como saberes. O objeto de estudo passa a ser o saber e o método é a arqueologia.

A abordagem arqueológica se dá como processo, ela se forma e se transforma no tempo histórico. Não existe em Foucault, uma única abordagem metodológica, mas sim uma caixa de ferramentas”. Em cada obra ele utiliza de ferramentas distintas. A arqueologia do saber é uma análise dos discursos, enunciados e saberes. Falar de discurso é falar das relações discursivas, das regularidades.



As regras que estabelecem um discurso se apresentam como um sistema de relações: Em suma, o enunciado é uma função que possibilita que um conjunto de signos, formando unidade lógica ou gramatical, se relacione com um domínio de objetos, receba um sujeito possível, coordene-se com outros enunciados e apareça como um objeto, isto é, como materialidade repetível. É pelo enunciado que se tem o modo como existem essas unidades de signos (FOUCAULT, p.109). O discurso se dá em meio às relações de poder, o discurso serve como um dispositivo para o controle, classificação, aquilo que pode e não pode ser dito. Todo discurso visa a dominação, que forma a subjetividade. Ainda segundo Foucault, o dispositivo se torna micropoderes, “ele lhes dá as modalidades particulares de existência, estipula as condições de existência dos discursos. Descrever um enunciado é descrever uma função enunciativa que é uma condição de existência” (FOUCAULT, p.109).

Nessa perspectiva, as redes sociais, as plataformas, se utilizam desse discurso que se apresenta como dispositivo, que molda, influencia a formação de subjetividades. Segundo Giorgio Agamben(2009), o dispositivo surge com uma função estratégica e sutil, e o sujeito é o resultado dessa relação com os dispositivos.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

No contexto atual, se faz necessário investigar o conceito de sujeito a partir de uma abordagem filosófica em alguns autores como Foucault, Byung Chul Han, Simondon, e outros, para assim compreender os impactos na formação de subjetividades, a partir das tecnologias presentes na sociedade pós-moderna.

O que evidenciamos é uma busca pela compreensão da natureza do sujeito a partir dos estudos sobre a individuação de Gilbert Simondon. E essa perspectiva ontológica embasará a compreensão da formação das subjetividades e suas perspectivas de individuação e autenticidade (CABRAL, 2021, p.65).

Na análise de Filho(2020) com o avanço do pensamento pós-liberal, o neoliberalismo passou a defender o Estado mínimo, pois já havia tornado os sujeitos em corpos dóceis, em uma perspectiva foucaultiana. Sendo assim, foram desenvolvidos dispositivos para que houvesse uma “subjetivação que orienta os sujeitos a operarem por meio da racionalidade mercantil” (FILHO et al., 2020, p. 08).

Para Cabral (2021) e Kawanishi (2019) o sujeito da atualidade está sendo impactado por tecnologias diversas, seja desde uma simples plataforma digital em uma escola até as



biotecnologias. Para ser entendida a produção de subjetividades, “a reflexão precisa ir mais a fundo, sobre um processo de subjetivação que iria além do humano, é necessário que entendamos seus mecanismos.” (KAWANISHI et al., 2019, p.663). Para o autor, ainda pode-se afirmar que:

As tecnologias têm sempre uma relação com o ato de dominação, seja de uma instituição sobre o sujeito ou deste sobre si mesmo e sobre outros. De acordo com Foucault, cada uma atua no sentido de modificar o indivíduo, não apenas no sentido óbvio de aquisição de certas habilidades. (KAWANISHI et al., 2019, p.664).

A partir dessas afirmativas, podemos constatar que o processo de construção de sujeitos é contínuo, e sempre parte das relações de poder que envolvem os atores do contexto social e histórico. Se faz necessária a conscientização de tais circunstâncias por parte da sociedade impactada por essas tecnologias, pelo jogo de interesses, para, a partir de então, possibilitar a construção de si, não por viés neoliberal, mas, humanístico e solidário.

A partir da ótica de Byung Chul-Han, os mecanismos coercitivos estão internalizados nos sujeitos da atualidade. As plataformas digitais e os currículos escolares estão impregnados de positividade neoliberal, formatando os sujeitos em prol da produção. A sociedade pós-moderna constrói subjetividades a partir dos desejos, da sedução, utiliza-se das mais diversas tecnologias para este fim, Han afirma, “O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Deve ser um empreendedor de si mesmo” (HAN, 2017, p.83).

Sujeito de desempenho é construído no contexto do século XXI, no lugar da proibição vista na ótica do sujeito disciplinar da sociedade do século XX estudada por Michel Foucault, entra em cena o projeto, a iniciativa, a motivação, “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos, delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (HAN, 2017, p.14).

2.2 O PANÓPTICO DIGITAL

Nas pesquisas do filósofo Michel Foucault ele encontra em Jeremy Bentham a sofisticação das tecnologias do poder, a disciplina materializada no projeto arquitetônico do



panóptico, onde afirma Bentham:

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser de celas. Essas celas são separadas entre si e os prisioneiros, dessa forma, impedidos de qualquer comunicação entre eles, por partições, na forma de raios que saem da circunferência em direção ao centro, estendendo-se por tantos pés quantos forem necessários para se obter uma cela maior. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor (BENTHAM, 2000, p. 20).

O panóptico era o símbolo do controle sobre o indivíduo, as instituições sociais tinham essa finalidade, o adestramento, a vigilância, a punição. A sociedade moderna, segundo Foucault, era a sociedade disciplinar, que gerava os corpos dóceis.

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, descreve os tempos atuais como já não sendo mais a era da sociedade disciplinar que gera corpos dóceis, mas a era da psicopolítica, onde nossas mentes são colonizadas, onde o panóptico agora é digital, são as redes, as plataformas, as tecnologias digitais que capturam nossa subjetividade, que utiliza nossa liberdade como um dispositivo de dominação. Han, afirma:

Eles abastecem o panóptico digital com informações que eles emitem e expõem voluntariamente. A autoexposição é mais eficiente do que a exposição por meio de outro. Aí reside um paralelo com a autoexploração. A autoexploração é mais eficiente do que a exploração por outro porque ela é acompanhada do sentimento de liberdade. (HAN, 2018, p. 66).

Na perspectiva de Han, existe uma abdicação da vida privada, tudo tem que ser exposto nas redes, por trás dessa exposição, do privado transformado em público, a liberdade e controle nesse sistema coincidem.

II- A QUESTÃO DA TECNOLOGIA

A técnica e a tecnologia surgem como condição para a existência humana, devido às instabilidades que o ser humano vive no meio natural, ela se apresenta como um instrumento que visa equilibrar as coisas entre o humano e o meio em que vive. O filósofo Immanuel Kant afirmou: “A natureza quis que o homem tire totalmente de si tudo o que ultrapassa o arranjo mecânico da sua existência animal, e que não compartilhe nenhuma outra felicidade ou perfeição excepto a que ele, liberto do instinto, conseguiu para si mesmo, mediante a própria razão” (Kant, 1784, p. 06). Nesse sentido, a técnica passa a ser a



condição para a existência humana, pois seria fruto da racionalidade. No entanto, a tecnologia deve promover a diversidade e não ao contrário como afirma Capra: “Quando estruturas sociais e padrões de comportamento tornam-se tão rígidos que a sociedade não pode não pode adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural” (CAPRA, 1982, p. 26). As novas tecnologias estão promovendo situações cambiantes ou padrões de comportamentos?

A existência humana é impactada pelo desenvolvimento dessas novas tecnologias que estão inseridas em nossos lares, escolas, na sociedade em geral. Segundo Habermas, “O poder de disposição técnica sobre a natureza que a ciência torna possível é hoje estendido também à sociedade”(HABERMAS, 2014, P.141). Podemos constatar por meio de celulares, internet, biotecnologias e outros, que os sujeitos do século XXI, são afetados por essas novas tecnologias em sua formação subjetiva, psíquica, biológica e prática muito além do que já fora em outras épocas, devido ao alcance e a democratização desses meios tecnológicos. Hans Jonas, ao explicar Spinoza, afirma: "O modo da relação, isto é, da comunicação causal com o ambiente ao agir e sofrer(afetar e ser afetado), depende da forma específica de determinação” (Jonas, 2017, p.334), a partir daí, podemos perceber a relação entre as novas tecnologias e a formação do sujeito. É evidente que ainda existe uma grande exclusão tecnológica para os mais vulneráveis, no entanto, ainda assim, o alcance na sociedade em geral é gigantesco.

Portanto, devemos buscar ferramentas para compreender essas novas tecnologias, pois elas têm induzido e muito na construção do sujeito da atualidade, redimensionado desejos, necessidades e angústias. A psique humana é influenciada pelas mídias e redes sociais. A partir da indagação de Galimberti: “Onde a pergunta não é mais, o que nós podemos fazer com a técnica? Mas; o que a técnica pode fazer conosco?”(GALIMBERTI, 2006, p.829), podemos investigar as implicações da tecnologia na construção do sujeito pós-moderno.

Partindo do conceito foucaultiano de genealogia do poder, podemos perceber a tecnologia também como uma forma de poder que se exerce sobre corpos, comportamentos, sentimentos dos indivíduos, moldando-os e direcionando suas finalidades, nesse sentido o celular, as redes sociais, as plataformas digitais estão imbricadas no sujeito. Segundo Andrew Feenberg, a tecnologia não é neutra, ela incorpora valores da materialidade de projetos políticos, da concretude a preconceitos e à exclusão. Os artefatos, infraestrutura e sistemas são carregados de intenções, escolher uma tecnologia envolveria decidir também sobre como organizar a vida, como lidar com os valores pré-existentes na tecnologia. Ela é,



conforme compreende Feenberg (2003), uma espécie de moldura que sustenta as relações sociais, a força a partir da qual a vida é organizada e se reproduz.

A atualidade nos faz repensar os limites e as formas de realidades. Desde os primórdios dos tempos, o homem produz técnica e tecnologia, alterando o ambiente, transformando este em seu espaço geográfico. A tecnologia nos levanta questionamentos, ela altera a realidade e cria realidades novas. Para podermos compreender este sujeito do século XXI, produto das instituições sociais, de tecnologias com um viés de aumentar a produtividade a todos os custos, devemos buscar ferramentas na filosofia e nas ciências.

2.1 TECNOPOLÍTICA

As tecnologias são dispositivos elaborados com uma finalidade, elas carregam em si o saber científico com toda sua rigorosidade, no entanto, também são formadas a partir de finalidades políticas e econômicas, não são neutras como se imaginaram, a partir da abordagem crítica da tecnologia, podemos desconstruir essa visão ingênua de neutralidade. O filósofo Andrew Feenberg possui uma visão mais crítica sobre a relação entre ciência, tecnologia e a sociedade. Nessa perspectiva a tecnologia é fruto de disputas políticas envolto em ideologias. Feenberg em sua Teoria Crítica da Tecnologia, acredita que a tecnologia é impregnada de valores, que é um fenômeno cultural de configuração determinado por fatores históricos e políticos, o que torna possível sua repolitização (NEDER, 2010).

2.2 GAMIFICAÇÃO DA VIDA

O neoliberalismo do século XXI utiliza-se de novas estratégias de dominação, o sistema de recompensas, de competição e de meritocracia está sutilmente introduzido nos códigos fechados das tecnologias digitais. O lúdico é usado como disfarce, esse sistema também se utiliza da positividade, o coach é um exemplo de introdução desses dispositivos. Segundo Byung-Chul Han:

Para gerar mais produtividade, o capitalismo da emoção também se apropria do jogo, daquilo que seria, na verdade, o outro do trabalho. Ele “gamifica” o mundo do trabalho e da vida. O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando assim mais motivação. Através da rápida sensação de realização e do sistema de

recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento. O jogador com suas emoções está muito mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional ou que atua apenas no nível racional (HAN, 2020, p. 69).

O sujeito de desempenho, é fruto dessa gamificação, tudo passa a ser visto como um jogo, mas nas estruturas de tudo estão o excesso de produtividade, do consumo, as redes sociais e as plataformas servem como um novo modelo a ser seguido, e quem está de fora, quem não segue, esta fora do novo mundo virtual; o mundo das não-coisas na visão de Han.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste Artigo Científico, pode-se perceber a tamanha importância da reflexão em torno do conceito de sujeito e tecnologia, apropriar-se desses conceitos a partir de uma epistemologia pós-moderna nos faz questionar e aprimorar a discussão sobre as tecnologias e seus impactos na formação do jovem. Ainda possibilita a reflexão sobre que tipo de educação queremos ofertar.

A análise fundamentada em Foucault e Han deve proporcionar uma visão mais profunda sobre essas relações entre a tecnologia, o neoliberalismo e a formação de subjetividades. Nessa perspectiva o sujeito é entendido como um projeto em construção, e sendo assim intensifica-se a responsabilidade nesse processo que se estende a todos. O tipo de mundo que queremos criar depende do tipo de sujeito que está sendo construído. A visão crítica da tecnologia não pode ser confundida como uma tecnofobia, mas sim como uma análise sociológica e filosófica, que tem a pretensão de nos colocar como sujeitos autônomos detentores de tecnologias, emancipados e não dominados por ela.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. 2009. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HABERMAS, Junge. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Unesp, São Paulo, 2014.
- KANT, Immanuel. **Ideia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita**.

Lusosofia, Trad. Artur Morão, 2004.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. Cultrix, São Paulo-SP, 2005.

SAGAN, Carl. **Bilhões e Bilhões**. Companhia das Letras, São Paulo-SP, 1998.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: O homem na Idade da Técnica**. São Paulo, Paulus, 2006.

JONAS, Hans. **Ensaio Filosófico: Da Crença Antiga ao Homem Tecnológico**. Paulus, São Paulo, 2017.

Revista, **Filosofia e Educação: Técnica, tecnologia e educação em Heidegger e Simondon**. Volume 06, Número 03 - Outubro de 2014.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da Tecnologia : um convite**. UFSC, 3 edição – Florianópolis, 2016.

A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: Racionalização Democrática, Poder e Tecnologia / Ricardo T. Neder (org.). -- Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010.

Cabral, Caio César. "Elementos Básicos Da Teoria Da Individuação De Gilbert Simondon." *Transformação* 44.2 (2021): 63-82. Web. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-14082017-130615/en.php>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

Kawanishi, Paulo Noboru De Paula, and Gil Vicente Nagai Lourenção. "Humanos Que Queremos Ser. Humanismo, Ciborguismo E Pós-humanismo Como Tecnologias De Si." *Trabalhos Em Lingüística Aplicada* 58.2 (2019): 658-78. Web. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/010318135359815822019>>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

Filho, Florêncio Augusto, Pablo Ornelas Rosa, and Giovanna Rosario Soanno Marchiori. "Do Homo Oeconomicus Ao Sujeito De Desempenho: Trajetória Do Sujeito No

Modelo Neoliberal Nos Pensamentos De Foucault E Byung-Chul Han." Research, Society and Development 9.4 (2020): E 130942964. Web. Disponível em: <[View of From homo oeconomicus to the performance subject: the trajectory of the subject in the neoliberal model in the thoughts of Foucault and Byung-Chul Han \(rsdjournal.org\)](https://rsdjournal.org/view/From-homo-oeconomicus-to-the-performance-subject-the-trajectory-of-the-subject-in-the-neoliberal-model-in-the-thoughts-of-Foucault-and-Byung-Chul-Han)>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a Ciência e o Saber**. Zahar, 3 edição, Rio de Janeiro, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2 edição, 2017

HAN, Byung Chul. **No Exame: perspectivas do digital**. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Não-Coisas**. Tradução de Ana Falcão Bastos. Antropos: Relógio D'Água, 2022.

Veiga-Neto, Alfredo, Traversini, Clarice Apresentação da Seção Temática - **Por que Governamentalidade e Educação? Educação & Realidade**, vol. 34, núm. 2, 2009, pp. 13-19 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre.

PETERS, Michael; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SILVA, Tomaz. **O Sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

INTEGRAL, Educação em Tempo. **Documento Orientador 01: DPEB/DEDUC/SEED-PR**, 2022.

Revista, **Tecnologia e Sociedade**, ISSN: 1984-3526. Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

FEENBERG, A. (2003) What is Philosophy of Technology? Palestra proferida na Universidade de Komaba, Japão, junho de 2003.

NEDER, R.T. (Org.). Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS. Ciclo de Conferências Andrew Feenberg. Série Cadernos Primeira Versão: CCTS - Construção Crítica da Tecnologia & Sustentabilidade, v. 1, n. 3, 2010.

